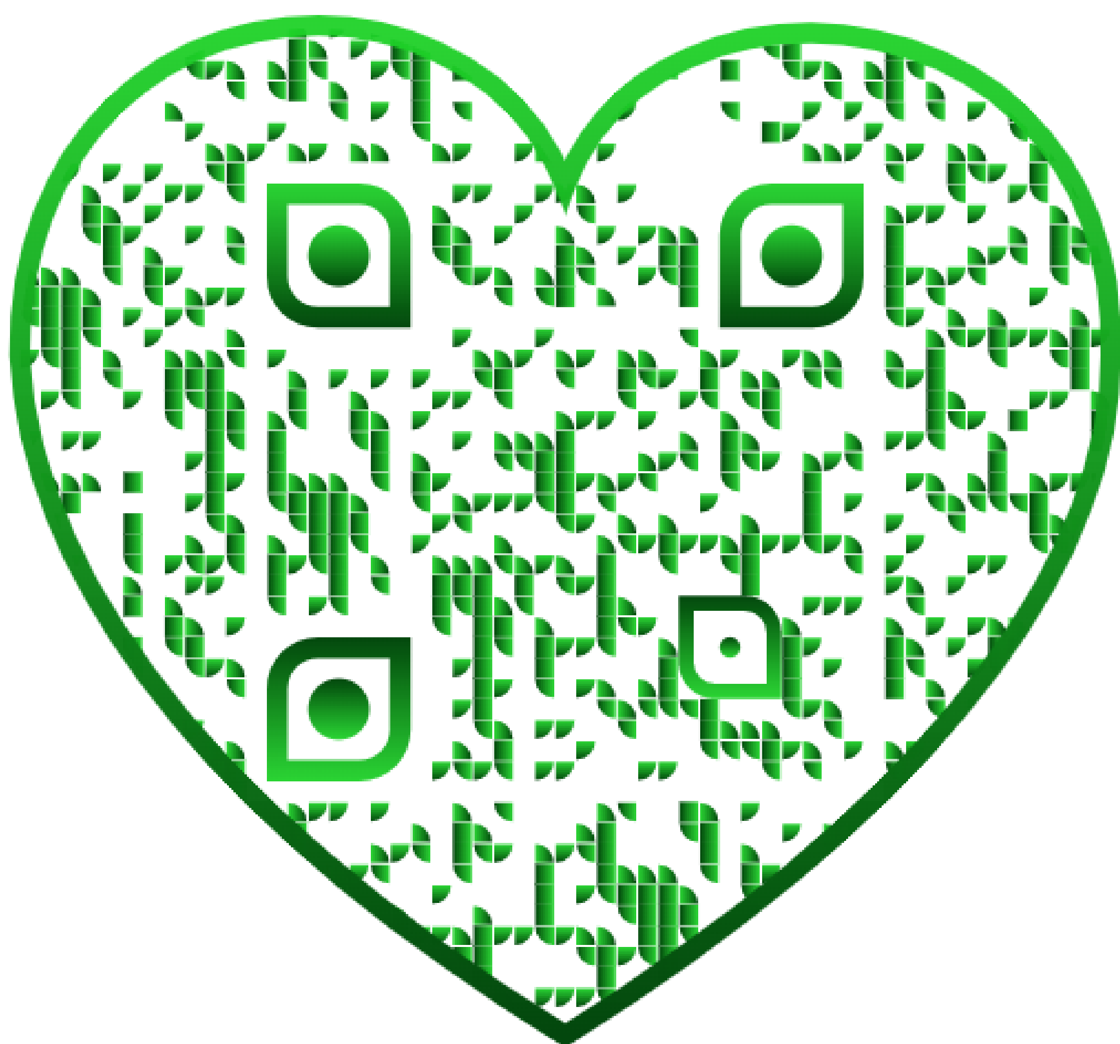
Christian Ferrer

Os Destruidores de Máquinas

In Memorian



Livre cópia - não pague mais que R$1 neste livreto!



Christian Ferrer

Os destruidores de máquinas
In memoriam

Livre tradução do espanhol de "Los destructores de máquinas – In memoriam", de Christian Ferrer.
e notas por
Imprensa Marginal - 2006

O código sangrento

Desde os tempos antigos a forca tem sido um castigo desonroso. Quando se medita sobre sua familiaridade estrutural com o pelourinho compreendemos por quê está situada no escalão mais alto reservado à desonra de uma pessoa. A ela apenas tinham acesso os baixos estratos sociais delinqüentes ou refratários: a quem não se flexionasse os joelhos, se dobraria a nuca pela força.

Alguns justiçados famosos da época moderna foram mártires: a Parsons, Spies[1] e seus companheiros de cadafalso recordamos em cada 1º. De Maio. Mas poucos/as recordam o nome de James Towle, que em 1816 foi o último "destruidor de máquinas" a quem se quebrou a nuca.

---

[1] Mártires de Chicago – August Spies, Adolf Fischer, Louis Ling, George Engel, Albert Parsons, Samuel Fielden, Oscar Neebe e Michael Schwab – trabalhadores presos durante as manifestações de maio de 1886 na Praça Haymarket, marcadas por dura repressão, com mais de cem mortos e dezenas de militantes presos. Parsons, Fischer, Spies e Engel foram executados na forca em 1887, e Lingg se suicidou na cela. Em 1893 a condenação foi anulada e os réus ainda presos foram libertados. Este episódio tornou-se símbolo da luta operária mundial e, pouco depois, o 1º de Maio foi declarado como dia internacional da luta dos trabalhadores, permanecendo ilegal por muito tempo.

Foi à forca gritando um hino luddista até que suas cordas vocais se apertaram em um só nó. Um cortejo fúnebre de três mil pessoas entoou o final do hino em seu lugar, *a capella*. Três anos antes, em catorze cadafalsos alinhados haviam balançado outros tantos acusados de praticar o "luddismo", nome de um novo crime recentemente legalizado.

Naquele tempo existiam dezenas de delitos tipificados cujos/as autores/as entravam *ao reino dos céus* passando pelos nós de uma corda. Por assassinato, adultério, roubo, blasfêmia, dissidência política, muitos eram os atos pelos quais podia se perder o fio da vida. Em 1830, um garoto de apenas nove anos foi enforcado por ter roubado alguns gizes coloridos, e assim foi até 1870, quando um decreto *humanitário* acomodou todos eles em apenas quatro categorias. Conheciam-se as duras leis que a todos/as contemplavam como "The Bloody Code" (O Código Sangrento).

Mas o luddismo se constituiu em um insólito delito capital: desde 1812, estragar uma máquina na Inglaterra custaria a pele. Na verdade poucos/as recordam os/as luddistas, ou "ludds", título com o qual se reconheciam entre si. De vez em quando, ilustrações daquela sublevação popular que se fez famosa devido à destruição de máquinas têm sido retomadas por tecnocratas neoliberais ou por historiadores progressistas e exibidas como mostra exemplar do

absurdo político: “reivindicações reacionárias”, “etapa artesanal da consciência operária”, “revolta operária têxtil encoberta por tintura rural”. Enfim, nada que se aproxime da verdade. Uns e outros repartiram em partes proporcionais a condenação do movimento luddista, rechaço que em primeiro caso é interessado e em segundo fruto de ignorância e prejuízo. A imagem que, à esquerda e direita, se conta dos/as luddistas é a de uma tumultuosa horda de pseudo-camponeses/as enraivecidos/as que golpeiam e esmagam as flores de ferro onde cresciam as abelhas do progresso. Em suma: o caminho que assinala a fronteira da última rebelião medieval. Ali uma paleontologia; aqui um bestiário.

Ned Ludd, fantasma

Tudo começou em 12 de abril de 1811. Durante a noite, trezentos e cinqüenta homens, mulheres e crianças lançaram-se contra uma fábrica de tecidos de Nottinghamshire destruindo os grandes teares a golpes de maça e ateando fogo nas instalações. O que ali ocorreu logo se tornaria folclore popular.

A fábrica pertencia a William Cartwright, fabricante de tecidos de má qualidade, mas munido de maquinaria nova. A fábrica, em si mesma, era naquela época um

cogumelo novo na paisagem: o habitual era o trabalho cumprido em pequenas oficinas.

Outros setenta teares foram destroçados nesta mesma noite em outros povoados nas proximidades. O incêndio e o feixe de maças se deslocou logo aos condados vizinhos de Derby, Lancashire e York, coração da Inglaterra no início do século XIX e centro de gravidade da Revolução Industrial. O rastro que havia partido do povoado de Arnold se expandiu sem controle pelo centro da Inglaterra durante dois anos perseguido por um exército de dez mil soldados a mando do General Thomas Maitland.

Dez mil soldados? Wellington mandava sobre muito menos quando iniciou sua movimentação, de Portugal, contra Napoleão.

Mais que contra a França*?* Faz sentido: a França estava no ar das imediações e das intimidações; mas não era a França Napoleônica o fantasma que assombrava a corte inglesa*,* e sim a Assembléia. Apenas um quarto de século havia passado desde o Ano I da Revolução. Dez mil. O número é um indício do quão difícil foi acabar com os/as luddistas.

Talvez porque os membros do movimento se confundiam com a comunidade. Em um duplo sentido: contavam com o apoio da população, *eram* a população.

Maitland e seus soldados buscaram desesperadamente Ned Ludd, seu líder. Mas não o encontraram. Jamais

poderiam tê-lo encontrado, porque Ned Ludd nunca existiu: foi um nome próprio utilizado para despistar Maitland. Outros líderes que assinaram cartas burlescas, ameaçantes ou petições se apelidavam ´Mr. Pistol´, ´Lady Ludd´, ´Peter Plush´ (felpa), ´General Justice´, ´No King´, ´King Ludd´ e ´Joe Firebrand´ (o incendiário).

Algum remetente esclarecia que o selo dos correios havia sido carimbado nas proximidades dos ´Bosques de Sherwood´[2]. Uma mitologia incipiente se sobrepunha a outra mais antiga. Os homens de Maitland se viram obrigados a recorrer a espiões, agentes provocadores e infiltrados, que até então constituíam um recurso pouco usado na logística utilizada em casos de guerra exterior. Eis aqui uma reorganização antecipada da força policial, a qual agora chamamos "inteligência".

Se os acontecimentos que conseguiram ter em xeque o país e o Parlamento foram devorados pelo incinerador da história*,* é justamente porque o objetivo dos/as luddistas não era político, mas social e moral: não

[2] Referência à lenda de Robin Hood, temido "fora-da-lei" que teria se abrigado com seu grupo na Floresta de Sherwood, em Nottingham. Suas aventuras passaram a ser cantadas por volta do século XIV. Entretanto, estima-se que, se realmente existiu, viveu durante o século XIII. Os registros históricos de tribunais contabilizam até 1300 pelo menos cinco homens acusados por atividades criminais que se utilizavam do nome "Robinhood".

queriam o poder, e sim poder desviar a dinâmica da industrialização acelerada. Uma ambição impossível.

Apenas deixaram testemunhos: algumas canções, atas de juízos, informes de autoridades militares ou espiões, notícias periódicas, 100.000 £ de prejuízos, uma sessão do Parlamento dedicada a eles/as, pouco mais. E os feitos: dois anos de luta social violenta, mil e cem máquinas destruídas, um exército enviado para "pacificar" as regiões amotinadas, cinco ou seis fábricas queimadas, quinze luddistas mortos, treze confinados na Austrália, outros catorze enforcados ante as muralhas do Castelo de York, e algumas pancadas finais.

Por que sabemos tão pouco sobre as intenções luddistas e sobre sua organização? A própria fantasmagoria de Ned Ludd o explica: aquela foi uma revolta sem líderes, sem organização centralizada, sem livros capitais e com um objetivo quimérico: discutir de igual para igual com os novos industriais. Mas nenhuma revolta "espontânea", nenhuma greve "selvagem", nenhum "estalo" de violência popular surge do nada. Leva anos de incubação, gerações transmitindo uma herança de maltrato, populações inteiras macerando ideais de resistência: às vezes, séculos inteiros transbordam em um só dia. A espoleta, geralmente, é sacada pelo adversário.

Desde 1810, a alta dos preços, perda de mercados devido à guerra e um complô dos novos industriais e

dos distribuidores de produtos têxteis de Londres para que estes não comprem mercadorias das oficinas das pequenas aldeias têxteis incendiou o rastilho. Por outro lado, as reuniões políticas e a liberdade de imprensa haviam sido proibidas com a desculpa da guerra contra Napoleão e a lei proibia a emigração dos/as tecelões/ãs, ainda que estivessem morrendo de fome: a Inglaterra não devia entregar sua especialidade ao mundo.

Os/as luddistas inventaram uma logística de urgência. Ela abarcava um sistema de delegados/as e de correios humanos que recorriam aos quatro condados, juramentos secretos de lealdade, técnicas de camuflagem, sentinelas, organizadores/as de roubo de armas no acampamento inimigo, pichações nas paredes. Além disso, se utilizaram da velha arte de compor canções de guerra, as quais chamavam de hinos. Em um dos poucos que foram resgatados se pode ainda escutar:

"Ela tem um braço/ E ainda que só tenha um/ Há magia neste braço único/ Que crucifica milhões/ Destruamos o Rei Vapor, o Selvagem Moloch", e em outra: "Noite após noite, quando tudo está quieto/ E a lua já cruzou a colina/ Marchamos para executar nossa vontade/ Com machado, lança e fuzil!".

As maças que os luddistas usavam provinham da fábrica Enoch. Por isso cantavam:

"A Grande Enoch irá à frente/ Detenha-a quem se atreva, detenha-a quem puder/ Adiante os homens valentes/ Com machado, lança e fuzil!".

A imagem da maça transcenderá a breve epopéia luddista. Na iconologia anarquista de princípios do século, *hércules sindicalizados* se mostravam a ponto de esmagar com uma grande maça, já não mais máquinas, mas o sistema fabril inteiro. Todos estes *blues* da técnica não devem fazer perder de vista que as autoridades não só queriam esmagar a revolta popular, como também buscavam impedir a organização de setores operários, em uma época em que somente os industriais estavam unidos. Carbonários, conjurados, a Mão Negra de Cádiz, sindicalistas revolucionários: no século passado a forca foi o molde para muitas intentonas sediciosas.

"Fair Play"

Ninguém mais recorda o que significaram em outra época as palavras "preço justo" ou "renda decorosa". Então, como agora, uma estratégia de renovação e aceleração tecnológicas e de realinhamento forçado das populações retorcia a paisagem.

Roma se construiu em sete séculos, Manchester e Liverpool em apenas vinte anos. Mais adiante, na Ásia e África, se implantariam enclaves em duas semanas.

Ninguém estava preparado para uma mudança de escala semelhante. A mão invisível do mercado é tato distinto do trato pactuado em mercados visíveis e à mão.

O ingresso não consultado de nova maquinaria, a evasão semi-obrigada das aldeias e sua concentração em novas cidades fabris, a extensão do princípio do lucro indiscriminado e a violenta descentralização dos costumes foram caldo de cultivo da rebelião. Mas o lugar comum não existiu: os/as luddistas não renegavam *toda* a tecnologia, apenas aquela que representava um dano moral ao *comum*; e sua violência foi dirigida não contra as máquinas *em si mesmas* (obvio: não arrebentavam suas próprias e bastante complexas maquinarias) e sim contra os símbolos da nova economia política triunfante (concentração em fábricas urbanas, maquinaria impossível de adquirir e administrar pelas comunidades). E de qualquer forma, nem sequer inventaram a técnica que os/as fez famosos/as: destruir máquinas e atacar a casa do patrão eram táticas habituais para forçar um aumento de salários desde cerca de cem anos antes pelo menos. Rapidamente se saberá que as novas engrenagens podiam ser aferradas por trabalhadores/as cujas mãos eram inexperientes e seus bolsos estavam vazios.

A violência foi contra as máquinas, mas o sangue correu primeiro por conta dos fabricantes. Na verdade, o que alarmou na atividade luddista foi sua nova forma

simbólica de violência. De modo que uma conseqüência inevitável da rebelião foi um encontro maior entre grandes industriais e administração estatal: é este um pacto que já não se romperá.

Os/as luddistas ainda nos fazem perguntas: Existem limites? É possível se opor à introdução da maquinaria ou de processos laborais quando estes são nocivos para a comunidade? Importam as conseqüências sociais da violência técnica? Existe um espaço onde as opiniões comunitárias sejam ouvidas? Pode-se discutir as novas tecnologias da "globalização" sobre *supostos* morais e não somente sobre considerações estatísticas e planificadoras? A novidade e a velocidade operacional são valores? A ninguém escapará a atualidade destes temas. Estão entre nós.

O luddismo percebeu agudamente o início da era da técnica, e por isso propuseram o "tema da maquinaria", que é menos uma questão técnica que política e moral. Então, os fabricantes e os detentores de terras acusavam os/as luddistas de crime de Jacobinismo; hoje os tecnocratas acusam aos críticos do sistema fabril de nostálgicos. Mas os/as Ludds sabiam que não se estava enfrentando somente aos ambiciosos fabricantes de tecidos, e sim a violência técnica da fábrica. Futuro anterior: pensaram a modernidade tecnológica antecipadamente.

Epílogos

27 de fevereiro de 1812 foi um dia memorável para a história do capitalismo, mas também para a crônica das batalhas perdidas. Os/as pobres violentos/as são tema parlamentar: habitualmente o temário os/as contempla unicamente quando se referendam e limitam conquistas já conseguidas de fato, ou quando se lixam algumas arestas excessivas de duros pacotes orçamentários, mas ainda mais rotineiramente quando se debatem medidas exemplares.

Neste dia Lord Byron[3] ingressa ao Parlamento pela primeira e última vez. Desde Guy Fawkes[4], que se empenhou em fazê-lo voar pelos ares, ninguém havia se atrevido a ingressar na Câmara dos Lordes com a intenção de contradizê-los. Durante a sessão, presidida pelo Primeiro Ministro Perceval, se discute a pertinência

[3] George Gordon Byron (1788-1824), conhecido como Lord Byron, poeta britânico.

[4] Guy Fawkes (1570-1606), soldado inglês que participou da "Conspiração da Pólvora", um levante católico contra a repressão a eles dirigida pelo rei protestante Jaime I da Inglaterra. O objetivo era explodir o parlamento inglês durante uma sessão, em 1605, assassinando o rei e todos os parlamentares. Guy Fawkes era especialista em explosivos e seria o responsável pela explosão dos 36 barris de pólvora colocados sob o parlamento. Foi encontrado e, depois de preso e torturado, condenado à forca.

do agregado de um inciso ausente na pena capital, a qual se conhecerá como "Frame-breaking Bill": a pena de morte por quebrar uma máquina.

É *Lordes versus Ludds:* cem contra um.

Naquela época Byron trabalhava intensamente em seu poema *Childe Harold*, mas reservou um tempo para visitar as zonas amotinadas a fim de ter uma idéia própria da situação.

Já o projeto de lei havia sido aprovado na Câmara dos Comuns. O futuro primeiro ministro William Lamb (Guilherme Ovelha) votou a favor, não sem aconselhar ao resto de seus pares a fazer o mesmo pois "o medo da morte tem uma influência poderosa sobre a mente humana". Lord Byron tenta uma defesa admirável, porém inútil. Em uma passagem de seu discurso, trata aos soldados como um exército de ocupação e expõe o rechaço que havia gerado entre a população:

"Marchas e contramarchas! De Nottingham a Bulwell, de Bulwell a Banford, de Banford a Mansfield! E quando por fim os destacamentos chegavam ao destino, com todo o orgulho, a pompa e a circunstância própria de uma guerra gloriosa, o faziam a tempo apenas para ser espectadores do que havia sido feito, para dar fé da fuga dos/as responsáveis, para recolher fragmentos de máquinas quebradas e para voltar a seus

acampamentos ante a zombaria feita pelas velhas e a vaia das crianças".

E adiciona uma súplica: *"Já não há sangue suficiente em vosso código legal de modo que seja preciso derramar ainda mais para que se eleve ao céu e testemunhe contra vocês? E como se fará cumprir esta lei? Se colocará uma forca em cada povoado e de cada homem se fará um espantalho?"*. Mas ninguém o apóia. Byron decide publicar em um periódico um perigoso poema em cujos últimos versos se lia:

"Alguns vizinhos pensaram, sem dúvida, que era chocante,
Quando a fome clama e pobreza geme,
Que a vida seja avaliada menos ainda que uma mercadoria
E a ruptura de uma estrutura conduza a quebra de ossos

Se assim demonstrara ser, espero, por este sinal
(E quem recusaria participar desta esperança)
Que os esqueletos dos parvos sejam os primeiros a ser quebrados
Quem, quando se lhes pergunta por um remédio, recomendam uma corda".

Talvez Lord Byron sentiu simpatia pelos/as luddistas ou, talvez, - dando fim e a cabo – detestava a cobiça dos comerciantes, mas seguramente não chegou a se dar conta de que a nova lei representava, na verdade, o parto simbólico do capitalismo. O resto de sua vida viverá no Continente. Um pouco antes de abandonar a Inglaterra publica um verso ocasional em que se lia “Down with all the kings but King Ludd”.

Em janeiro de 1813 George Mellor é enforcado, um dos poucos capitães luddistas que foram pegos, e uns poucos meses depois foi a vez de outros catorze que tinham atacado a propriedade de Joseph Ratcliffe, um poderoso industrial. Não havia antecedentes na Inglaterra de que tantos tivessem sido hospedados pela forca em um só dia.

Este número é também um índice. O governo havia oferecido recompensas suculentas em suas povoações de origem em troca de informação incriminadora, nas todos os/as aldeães/ãs que se apresentaram pela recompensa deram informações falsas e usaram o dinheiro para pagar a defesa dos acusados. Não obstante, a possibilidade de um julgamento justo estava fora de questão, apesar das frágeis provas contrárias.

Os catorze justiçados frente aos muros de York se encaminharam à sua hora suprema entoando um hino religioso (Behold the Savior of Mankind). A maioria era metodista. Enquanto a rebelião se estendeu pelos quatro

cantos da região têxtil, também se complicou o mosaico de implicados: democratas seguidores de Tom Paine (chamados “painistas”), religiosos radicais, alguns dos quais herdavam o espírito das seitas exaltadas do século anterior – levellers, ranters, southscottians, etc. -, incipientes organizadores das *Trade Unions* (entre os ludditas presos não havia só tecelões, mas todos os tipos de ofícios), emigrantes irlandeses jacobinos. Sempre ocorre: o internacionalismo é antigo e em épocas antigas foi conhecido sob o espartaquismo.

Todos os dias as cidades dão baixa a milhares e milhares de nomes, todos os dias se desligam na memória as sílabas de incontáveis sobrenomes do passado humano. Suas histórias são sacrificadas em obscuros cesures. Ned Ludd, Lord Byron, Cartwright, Perceval, Mellor, Maitland, Ogden, Hoyle, nenhum nome deve perder-se.

O General Maitland foi bem recompensado por seus serviços: se lhe concedeu o título nobre de Baronet e foi nomeado Governador de Malta, depois Comandante em Chefe do Mar Mediterrâneo e depois Alto Comissário para as Ilhas Jônicas. Antes de partir definitivamente, teve tempo ainda de esmagar uma revolução na Cefalônia.

Perceval, o Primeiro Ministro, foi assassinado por um alienado antes inclusive de que enforcassem o último luddista.

William Cartwright continuou com sua lucrativa indústria e prosperou, e o modelo fabril fez metástase. Um de seus filhos suicidou-se nada menos que em meio ao Palácio de Cristal durante a exposição Mundial de Produtos Industriais de 1851, mas o tronar da sala de máquinas em movimento amorteceu o barulho do disparo.

Quando alguns anos depois dos acontecimentos morreu um espião local - um *judas* - que tinha permanecido nas redondezas, seu túmulo foi profanado e o corpo exumado vendido a estudantes de medicina.

Alguns/mas luddistas foram vistos/as vinte anos depois quando se fundaram em Londres as primeiras organizações da classe operária. Outros/as que tinham sido confinados/as em terras estranhas deixaram alguma pegada na Austrália e na Polinésia. Roteiros semelhantes podem ser rastreados depois da Comuna de Paris e da Revolução Espanhola. Mas a maioria dos/as habitantes daqueles quatro condados parecem ter feito um *pacto de anonimato*, em homenagem àquela figura anterior chamada "Ned Ludd": nos vales ninguém voltou a falar de sua participação na rebelião. A lição tinha sido dura e a lei da tecnologia o era ainda mais. Por vezes, em alguma taberna, alguma palavra, alguma canção; fiapos que ninguém registrou. Foram um aborto histórico. Ninguém aprecia esse tipo de fragmento.

Vozes

Por que deter-se na história de Ned Ludd e dos/as destruidores/as de máquinas? Seus atos furiosos sobrevivem discretamente em brevíssimas notas de rodapé do grande livro autobiográfico da humanidade e a consistência da sua história é anônima, muito frágil e quase absurda, o que às vezes promove a curiosidade, mas com maior freqüência o desinteresse pelo que não merece dinastia.

Não é este um século para deter-se: o burguês do século passado podia dar-se ao luxo de divertir-se lentamente com um folhetim, mas os telespectadores deste século apenas dispõem de um par de horas para folhear a programação.

Vivemos na época da taquicardia, como sarcasticamente a definiu Martinez Estrada. Reconstruir o curso da história na contra corrente a fim de repousar no olho de seus furacões é trabalho que só um Orfeu pode fazer. Ele se abriu a caminho do mundo dos mortos com melodias que destravaram fechaduras perfeitas. Nós podemos somente guiar-nos pêlos fogaréus espectrais que explodem em velhos livros: sopros moribundos entre farrapos lingüísticos.

Qualquer outro vestígio já está dissolvido nos elementos. Mas se os elementos foram capazes de articular uma linguagem poderiam então devolver-nos a

memória guardada de tudo aquilo que tem circulado pelo seu "corpo" (por exemplo, todos os remos afundaram na água em todos os tempos, ou todas as ferraduras que pisaram a terra, e assim por diante). Por sua vez, o ar devolveria a totalidade das vozes que têm sido lançadas pelas bocas de todos os humanos que existiram desde o início dos tempos. Na verdade, milhões são as palavras ditas a cada minuto. Mas nenhuma teria se perdido, nem sequer as dos mudos.

Todas elas teriam ficado registradas na transparência atmosférica, cuja relação com a audibilidade humana ainda está por pesquisar-se: seria algo assim como quando os dedos das crianças rascunham rápidos grafites ou agitados corações em vidros embaçados pelo próprio hálito. Se fosse possível traduzir esse arquivo oral para nossa linguagem, então todas as coisas ditas voltariam em um único instante compondo a voz de uma soma maior ou a memória total da história.

No vento tem-se semeado vozes que são conduzidas de época em época; e qualquer ouvido pode colher o que em outros tempos foi tempestade. O vento é tão bom condutor das memórias porque o dito foi tão necessário quanto involuntário, ou bem porque às vezes nos sentimos mais próximos dos mortos que dos vivos.

Dentre tantas coisas ditas, não posso nem quero deixar de escutar o que Ben, um velho luddista, diz a uns historiadores locais do condado de Derby, cinqüenta

anos depois dos acontecimentos: *"Me amarga tanto que os vizinhos de hoje em dia mal interpretem as coisas que nós, os/as luddistas, fizemos".* Mas como poderia alguém, então, em plena euforia pelo progresso, prestar ouvidos às verdades luddistas? Não havia, e não há ainda, escuta possível para as profecias dos/as derrotados/as. A queixa de Ben se constituiu a última palavra do movimento luddista, por sua vez eco silenciado do gemido daqueles que foram enforcados em 1813. E talvez eu não tenha escrito tudo isto com o único fim de escutar melhor a Ben.

Apego-me e puxo do seu fiozinho de voz como o faria qualquer semelhante que percorresse este labirinto.

135

Frame - Breaking.

£.200 Reward.

WHEREAS, on Thursday Night last, about Ten o'Clock, a great Number of Men, armed with Pistols, Hammers and Clubs, entered the Dwelling-house of *George Ball*, framework-knitter, of Lenton, near Nottingham, disguised with Masks and Handkerchiefs over their Faces, and in other ways,---and after striking and abusing the said *George Ball*, they *wantonly* and *feloniously* broke and destroyed five STOCKING FRAMES, standing in the Work-shop: four of which belonged to *George Ball*, and one Frame, 40 gage, belonging to Mr. *Francis Braithwaite*, hosier, Nottingham: *all of which were working at the FULL PRICE.*

NOTICE IS HEREBY GIVEN,

THAT if any Person will give Information of the Offender or Offenders, or any one of them who entered such Dwelling-house and were concerned in such Felony, he or she shall receive a Reward of

£.200,

to be paid on Conviction, in the Proportions following, (viz.) £50 under the King's Proclamation, £25 from the Committee of the Corporation of Nottingham, and £125 from the said *Francis Braithwaite*.

WE, the under-signed Workmen of the above-named *George Ball*, do hereby certify that we were employed in working the under-mentioned Frames, on the Work and at the Prices hereinafter stated, when the Mob came to break them,—that we had never been abated in our Work, either by Mr. Braithwaite, the hosier, who employed the Frames, or by the said *George Ball*, our master; of whom we never complained, or had any Reason so to do.

QUALITY OF WORK.	PRICE.	WORKMEN.	OWNERS.
40 Gauge, Single Shape, Narrowed Two-plain,	Maid's, 29 Shillings per Dozen,	Thomas Rew,	Mr. Braithwaite.
36 Gauge, Single Shape, Narrowed Two-plain,	Men's, 29 Shillings per Dozen,	John Jackson,	George Ball.
38 Gauge, Single Shape, Narrowed Two-plain,	Maid's, 26 Shillings per Dozen,	Thomas Naylor,	George Ball.

NB. The other two Frames were worked to another Hosier, but at the Full Price.

THOMAS REW,
JOHN JACKSON,
THOMAS NAYLOR.

Nottingham, 25th January, 1812.

[illegible]

Destruição das estruturas

Recompensa de £200

(...) na noite de terça-feira passada, por volta das dez horas, um grande número de homens armados de pistolas, martelos e porretes adentraram a residência de George Ball, (...) *de Lenton, próximo a Nottingham, disfarçados com máscaras e bandanas em suas faces, e de outras formas, --- e após golpear e insultar o citado George Ball, eles arbitrária e criminosamente quebraram e destruíram cinco máquinas têxteis, situadas na oficina: quatro das quais pertencentes a George Ball, e uma delas, de calibre 40, pertencente ao Sr. Francis Braithwaite, (...)*

(...) A qualquer pessoa que dê informação do Ofensor ou dos Ofensores, ou quaisquer dos que (...) se envolveram neste crime, ele ou ela receberá uma Recompensa de £ 200

Nothingham - 25 de janeiro de 1812

Imprensa Marginal

Cx. Postal 665 CEP 01059-970 SP/SP
Imprensa_marginal@yahoo.com.br